

bahia de todos-os-santos
guia de ruas e mistérios

JORGE AMADO



Posfácio de Paloma Jorge Amado
Fotografias de Flávio Damm

Copyright © 2010 by Grapiúna — Grapiúna Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1945

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Imagens de capa © Flavio Damm (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Atualização dos termos do dandomblé Reginaldo Prandi

Índice remissivo Luciano Marchiori

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Camila Saraiva e Renata Del Nero

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Bahia de Todos-os-Santos : guia de ruas e mistérios de Salvador / Jorge Amado ; posfácio de Paloma Amado. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2137-3

I. Salvador - Descrição I. Amado, Paloma. II. Título.

12-07834

CDD-918.1421

Índice para catálogo sistemático:

1. Cidade do Salvador : Descrição	918.1421
2. Salvador : Cidade : Descrição	918.1421

Diagramação Spress

Papel Pólen Soft

Impressão RR Donnelley

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

NA PORTADA DESTE LIVRO, NA ENTRADA DA BARRA DA BAHIA DE TODOS-OS-SANTOS, quero escrever teu nome de baiana. Um dia vieste de passagem conhecer minha cidade, ficaste para sempre. Aqui neste jardim onde cresceram nossos filhos e crescem nossos netos, entre as árvores que plantamos, no culto da amizade, tomo de tua mão de namorada e te proclamo Zélia de Euá, filha de Oxum, mulher de Oxóssi, doce companheira, jovem coração irredutível, única e sem comparação.

CONVITE

*E QUANDO A VIOLA GEMER NAS MÃOS DO SE-
RESTEIRO NA RUA TREPIDANTE da cidade mais agitada, não tenbas, moça,
um minuto de indecisão. Atende ao chamado e vem. A Bahia te espera para sua
festa quotidiana. Teus olhos se encharcarão de pitoresco, mas se entristecerão tam-
bém diante da miséria que sobra nestas ruas coloniais onde se elevaram, violentos,
magros e feios, os arranha-céus modernos.*

*Ouves? É o chamado insistente dos atabaques na noite misteriosa. Se vieres
eles tocarão mais alto ainda, no poderoso toque do chamado do santo, e os deuses
negros chegarão das florestas da África para dançar em tua honra. Com os vesti-
dos mais belos, bailando os inesquecíveis bailados. As iaôs cantarão em iorubá os
cânticos de saudação.*

*Os saveiros abrirão as velas e rumarão para o mar largo de tempestades. Do
forte velho virá música antiga, valsa esquecida que só o ex-soldado recorda. Os
ventos de Iemanjá serão apenas doce brisa na noite estrelada. O rio Paraguaçu
murmurará teu nome e os sinos das igrejas de repente tocarão Ave-Maria apesar
de que o crepúsculo já passou com sua desesperada tristeza.*

*No Mercado das Sete Portas, nos pobres pratos de flandres o sarapatel te
espera, escuro e gostoso. Os potes e asoringas de barro que comprarás, as*

redes para a sesta, os inhames e aipins, as frutas coloridas. Se vieres, a feira terá outra animação, beberemos cachaça com ervas aromáticas.

Os sobradões te esperam. Os azulejos provêm de Portugal e desbotam hoje ainda mais belos. Lá dentro a miséria murmura pelas escadas onde os ratos correm, pelos quartos imundos. As pedras com que os escravos calçaram as ruas, quando o sol as ilumina ao meio-dia, têm laivos de sangue. Sangue escravo que escorreu sobre essas pedras nos dias de ontem. Nos casarões moravam os senhores de engenho. Agora são os cortiços mais abjetos do mundo.

Verás as igrejas, grávidas de ouro. Dizem que são trezentas e sessenta e cinco. Talvez não sejam tantas, mas que importa? Onde estará mesmo a verdade quando ela se refere à cidade da Bahia? Nunca se sabe bem o que é verdade e o que é lenda nesta cidade. No seu mistério lírico e na sua trágica pobreza, a verdade e a lenda se confundem. Se subires o Tabuão, zona de mulheres que já perderam a última parcela de esperança nos quinto-andares de prédios aleijados, nunca saberás ao certo se é uma rua maravilhosa de pitoresco, com suas janelas coloniais e suas portas centenárias, ou se é apenas um hospital enorme, sem médicos, sem enfermeiras, sem remédios. Ah! moça, esta cidade da Bahia é múltipla e desigual. Sua beleza eterna, sólida como a de nenhuma outra cidade brasileira, nascendo do passado, rebentando em pitoresco no cais, nas macumbas, nas feiras, nos becos e nas ladeiras, sua beleza tão poderosa que se vê, apalpa e cheira, beleza de mulher sensual, esconde um mundo de miséria e de dor. Moça, eu te mostrarei o pitoresco mas te mostrarei também a dor.

Vem e serei teu cicerone. Juntos comeremos no Mercado sobre o mar o vatapá apimentado e a doce cocada de rapadura. Serei teu cicerone mas não te levarei, apenas, aos bairros ricos, de casas modernas e confortáveis, Barra, Pituba, Graça, Vitória, Morro do Ipiranga. Em ônibus superlotados iremos à Estrada da Liberdade, bairro operário, onde descobrirás a miséria oriental se repetindo nos casebres das invasões, Massaranduba, Coreia, Cosme de Faria, Uruguai, iremos aos cortiços infames, cruzaremos as pontes de lama dos Alagados.

Esse é bem um estranho guia, moça. Com ele não verás apenas a casca amarela e linda da laranja. Verás igualmente os gomos podres que repugnam ao paladar. Porque assim é a Bahia, mistura de beleza e sofrimento, de fartura e fome, de risos álacres e de lágrimas doloridas.

Quando a viola gemer nas mãos do seresteiro, nascido na Bahia, filho de sua poesia e sua dor, não reflitas sequer, pois a cidade mágica te espera e eu serei teu guia pelas ruas e pelos mistérios. Teus olhos se encherão de pitoresco, teus ouvidos ouvirão histórias que só os baianos sabem contar, teus pés pisarão sobre os mármore das igrejas, tuas mãos tocarão o ouro de São Francisco, teu coração pulsa-

rá mais rápido ao bater dos atabaques. Mas também sentirás dor e revolta e teu coração se apertará de angústia ante a procissão fúnebre dos tuberculosos na cidade de melhor clima e de maior percentagem de tísicos do Brasil. A beleza habita nesta cidade misteriosa, moça, mas ela tem uma companheira inseparável que é a fome.

Se és apenas uma turista ávida de novas paisagens, de novidades para virilizar um coração gasto de emoções, viajante de pobre aventura rica, então não queiras esse guia. Mas se queres ver tudo, na ânsia de aprender e melhorar, se queres realmente conhecer a Bahia, então, vem comigo e te mostrarei as ruas e os mistérios da cidade do Salvador, e sairás daqui certa de que este mundo está errado e que é preciso refazê-lo para melhor. Porque não é justo que tanta miséria caiba em tanta beleza. Um dia voltarás, talvez, e então teremos reformado o mundo e só a alegria, a saúde e a fartura caberão na beleza imortal da Bahia.

Se amas a humanidade e desejás ver a Bahia com olhos de amor e compreensão, então serei teu guia, riremos juntos e juntos nos revoltaremos. Qualquer catálogo oficial, ou de simples cavação, te dirá quanto custou o Elevador Lacerda, a idade exata da Catedral, o número certo dos milagres do Senhor do Bonfim. Mas eu te direi muito mais, pois te falarei do pitoresco e da poesia, te contarei da dor e da miséria.

Vem, a Bahia te espera. É uma festa e é também um funeral. O seresteiro canta o seu chamado. Os atabaques saúdam Exu na hora sagrada do padê. Os saveiros cruzam o mar de Todos-os-Santos, mais além está o rio Paraguauçu. É doce a brisa sobre as palmas dos coqueiros nas praias infinitas. Um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível habita essa paisagem de sonho.

Vem, a Bahia te espera.





ATMOSFERA DA CIDADE
DO SALVADOR DA BAHIA DE
TODOS-OS-SANTOS

QUEM GUARDA OS CAMINHOS DA CIDADE

QUEM GUARDA OS CAMINHOS DA CIDADE DO SALVADOR DA BAHIA É EXU, orixá dos mais importantes na liturgia dos candomblés, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arreliento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

A primeira obrigação a se fazer quando nesse solo se põem os pés, quando aqui se desembarca, é dar de beber a Exu para assim lhe conquistar as boas graças, impedindo que ele venha perturbar a festa com suas diabruras e arrelias. Para não se escorregar numa ladeira calçada de pedras negras e antigas, para não se correr susto num beco de fantasmas, para evitar os ebós, os feitiços, as coisas-feitas.

Exu bebe cachaça mas, na falta, aceita um substitutivo mesmo que seja uísque ou vodca. O ideal, porém, é a aguardente de cana-de-açúcar, destilada em alambique de barro, se possível. Cachaça destilada em alambique de barro é coisa fina, por isso chamada de purinha. A melhor cachaça da Bahia vem de Santo Amaro da Purificação, cidade do Recôncavo, coração da zona açucareira, terra de Caetano Veloso e Emanuel Araújo. Entre as cachaças de Santo Amaro mais conhecidas e festejadas pela sua qualidade encontra-se a “Azuladinha”, a “Água Fria” e a “Dois Amigos”, esta última de muita reputação.

É aconselhável que o viajante, ao pretender ingerir bebida alcoólica, destine o primeiro trago a Exu, derramando-o discretamente no chão. Assim ficará colocado sob sua guarda e proteção e todos os caminhos se abrirão para lhe dar passagem, seja os que conduzem aos mistérios de Salvador, à sua beleza e à sua intimidade, seja os que levam ao coração das mulheres — mulheres morenas da Bahia, gama de cores que vai do marfim ao cobre, e o dengue infinito.

A FORÇA DO POVO

O POVO É MAIS FORTE DO QUE A MISÉRIA. IMPÁVIDO, RESISTE ÀS PROVAÇÕES, vence as dificuldades. De tão difícil e cruel, a vida parece impossível e no entanto o povo vive, luta, ri, não se entrega. Faz suas festas, dança suas danças, canta suas canções, solta sua livre gargalhada, jamais vencido. Mesmo o trabalho mais árduo, como a pesca de xaréu, vira festa. Em tendo ocasião, o povo canta e dança. Em terra ou no mar, nos saveiros e jangadas, nas canoas. Por isso mesmo a Bahia é rica de festas populares. Festas de rua, de igreja, de candomblé. Guardam todas elas nossa marca original de miscigenação, de nossa civilização mestiça.

ATMOSFERA DA CIDADE

EM CERTO COMÍCIO, REALIZADO QUANDO DA INVASÃO da Abissínia pelas forças fascistas de Mussolini, um orador, solene na roupa preta e no português castiço, afirmou que os baianos, como latinos dos melhores e mais puros, estavam ligados à Roma Imperial que o Duce queria reviver à custa dos negros abexins. Foi aí que subiu à tribuna um majestoso mulato e declarou que os baianos como descendentes dos africanos, mestiços dos melhores, estavam ligados sentimentalmente à sorte da Etiópia.

Assim é a Bahia. Quem disser que esta é a cidade de Castro Alves estará dizendo apenas meia verdade. Se disser que esta é a cidade de Rui Barbosa estará também dizendo apenas meia verdade. Entre o espírito libertário e o espírito liberal vive a Bahia. Nunca fascista, se bem por vezes reacionária, saudosista, enamorada de fórmulas passadas. Mas por outro lado, revolucionária, afirmativa, progressista e, se absolutamente necessário, violenta. Essas duas figuras do seu passado e tudo que elas representaram dominam a mentalidade da Bahia: o poeta libertário Castro Alves e o tribuno liberal Rui Barbosa. De Rui toma a Bahia certo amor ao castiço, ao verbo eloquente, mesmo à retórica, à frase sonora, ao liberalismo político. De Castro Alves recebe a vocação do futuro, o desejo de liberdade, a capacidade de romper com o passado, de marchar para a frente, a flama revolucionária. Gilberto Freyre já notou que a vaia

do moleque rompe sempre, na Bahia, o excesso conservador que tenta impor-se. O conservador e o revolucionário coexistem no espírito da cidade, chocam-se, fundem-se por vezes, são quase palpáveis no seu contraste. Aqui o viajante verá diferenças mais absurdas em todas as coisas. Encontrará uma arte essencialmente política, desde os tempos longínquos de Gregório de Matos até os dias de hoje, uma arte a serviço do povo, ligada ao quotidiano, ao local, ao social, engajada, comprometida, visando ao futuro, mas encontrará também, com certa notoriedade estadual ou municipal, os mais carunchentos gramáticos, os estilistas mais torcidos, mais quinhentistamente ilegíveis de todo o país.

A Bahia orgulha-se do gramático Carneiro Ribeiro, discutindo com Rui Barbosa, seus pronomes tão bem colocados como não o faria o melhor professor de Coimbra, e orgulha-se de um educador como Anísio Teixeira, que revolucionou a pedagogia brasileira. Assim é a Bahia do choque permanente de suas duas faces, dos seus dois pensamentos. Sempre política. Não será política por acaso a literatura histórica de Pedro Calmon, tão política quanto os ensaios de Hermes Lima ou de Edison Carneiro? A política é a vocação do baiano.

No equilíbrio resultante do choque desses espíritos díspares que povoam a cidade surge um João Mangabeira, perfeito exemplo da fusão das duas matrizes, o baiano com todas as virtudes de sua inteligência e com todas as características do seu temperamento. Cultuando o passado e sonhando o futuro. O baiano que faz da amabilidade uma verdadeira arte, que é arguto até não mais poder, que é cordial e compreensivo, descansado e confiante. Que desmorona com uma piada agressiva todo um edifício de retórica. Escondendo sob o fraque solene um coração jovem. Gostando de rir, de conversar, de contar casos.

Eis uma cidade onde se conversa muito. Onde o tempo ainda não adquiriu a velocidade alucinante das cidades do Sul. Ninguém sabe conversar como o baiano. Uma prosa calma, de frases redondas, de longas pausas esclarecedoras, de gestos comedidos e precisos, de sorrisos mansos e de gargalhadas largas. Quando um desses baianos gordos e mestiços, um pouco solene e um pouco moleque, a face jovial, começa a conversar, quem fechar os olhos e fizer um pequeno esforço de imaginação poderá distinguir perfeitamente o seu remoto ascendente português e seu remoto ascendente negro, recém-chegado um da Europa colonizadora, recém-chegado outro das florestas da África. De quem é essa gargalhada clara e solta se não do negro? De quem é essa solene conside-

ração para com o doutor, que é salafrário personagem da história que ele conta, se não do português imigrante, rude admirador dos mais sábios? Essa mulataria baiana, essa mestiçagem onde o sangue negro entrou com uma boa parte, não produziu o mulato espevitado, pernóstico, egoísta, adulator e violento com os inferiores, das caricaturas racistas. Sempre que penso no mulato baiano vejo um homem gordo. Gordo não apenas fisicamente. Como caráter também: bom, amável, glutão, sensual, agudo de inteligência, bem-falante mas de fala mansa, sabendo tratar tão bem os inferiores quanto os superiores, ou melhor ainda. Comendo comida gordurosa, cheia de azeite, mas apimentada também. Assim é o homem da cidade da Bahia, um pouco derramado e um pouco distraído. Um pouco poeta, poder-se-ia dizer, mas também astutamente político, o mais hábil político do Brasil. Assim é a Bahia. Esse é o seu clima, ligado ao passado, fitando o futuro. Nenhuma outra cidade do Brasil se mantém nesse equilíbrio espiritual que exige dos homens uma constante vigilância para não cair num conservadorismo reacionário ou num anarquismo inconstrutivo. Ao lado da vetusta Catedral está a Faculdade de Medicina, onde os estudantes abrem cadáveres para buscar a explicação da vida. Já há algum tempo que os candomblés deixaram de ser apenas uma constante religiosa dos negros querendo conservar bens de sua cultura original. São hoje também tema e material de estudos de jovens sábios, da criação de grandes artistas.

Existe uma cultura baiana com características próprias, originais? Creio que sim. Aqui toda a cultura nasce do povo, poderoso na Bahia é o povo, dele se alimentam artistas e escritores. Há uma tradição social na arte e na literatura baianas que vem desde Gregório de Matos e prossegue até hoje. Essa ligação com o povo e com seus problemas é marca fundamental da cultura baiana. Cultura baiana que influencia toda a cultura brasileira da qual é célula máter.

Sendo a cidade negra por excelência do Brasil, com uma grande população de cor, é aquela onde menos existe, em nosso país, o preconceito racial. O que não quer dizer que ele seja inteiramente inexistente. A mistura de sangue é muito grande e em sua consciência pouca gente poderá negar o avô negro mais ou menos remoto. A influência do negro sente-se em toda a parte. Não apenas no aspecto físico da cidade mas na sua vida. A superstição alastrada confundindo-se muitas vezes com a religião. Cidade religiosa, sem dúvida. Onde se encontram na religiosidade do baiano os limites entre religião e superstição?

Estão as duas quase sempre confundidas e quase sempre predominando a última. Os ritos religiosos adquirem aqui estranhas modalidades, os cultos católicos aformoseiam-se com uma aura fetichista. Há qualquer coisa de pagão na religião dos baianos, qualquer coisa que raia pelo sensual e que faz com que as múltiplas igrejas não sejam senão uma continuação, estilizada e civilizada, das macumbas misteriosas. Ao lado desse religiosismo supersticioso encontramos um anticlericalismo militante no povo em geral. Raramente existem, como em muitas cidades, padres de larga popularidade. Ao contrário, muitas das festas religiosas e populares (a do Senhor do Bonfim por exemplo) encontram feroz oposição de certa parte do clero. Nesse particular a Bahia recorda a Vascôncia, na Espanha, com seu povo religioso e anticlerical. Ou os mexicanos que, nas revoluções de Zapata e Pancho Villa, fuzilavam os padres aos gritos de “Viva Nossa Senhora de Guadalupe”. Fenômeno idêntico se passa na Bahia onde junto ao povo negro a autoridade do padre é nenhuma se comparada à dos pais e mães de santo, enquanto que as classes ricas, como em toda a parte, utilizam politicamente o padre sem lhe ter o menor respeito.

Um povo bom, amigo de cores berrantes, ruidoso, manso e amável, de admiração fácil, acolhedor e democrata. Sob um céu de admirável limpidez, na fímbria do mar ou na montanha onde corre sempre uma cariciosa aragem, vive o povo mais doce do Brasil. Na cidade do Salvador da Bahia.

ESCORRE O MISTÉRIO SOBRE A CIDADE COMO UM ÓLEO

ESCORRE O MISTÉRIO SOBRE A CIDADE COMO UM ÓLEO. Pegajoso, todos o sentem. De onde ele vem? Ninguém o pode localizar perfeitamente. Virá do baticum dos candomblés nas noites de macumba? Dos feitiços pelas ruas nas manhãs de leiteiros e padeiros? Das velas dos saveiros no cais do Mercado? Dos Capitães da Areia, aventureiros de onze anos de idade? Das inúmeras igrejas? Dos azulejos, dos sobradões, dos negros risonhos, da gente pobre vestida, de cores variadas? De onde vem esse mistério que cerca e sombreia a cidade da Bahia?